

Nelly Narcizo de Souza



# DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

Direitos de desenvolvimento e  
aprendizagem na perspectiva da  
educação inclusiva

**De professor para professor:  
Direitos de desenvolvimento e aprendizagem  
na perspectiva da educação inclusiva**





**Nelly Narcizo de Souza**

**De professor para professor:  
Direitos de desenvolvimento e aprendizagem  
na perspectiva da educação inclusiva**



Copyright © Nelly Narcizo de Souza

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

---

Nelly Narcizo de Souza

**De professor para professor: Direitos de desenvolvimento e aprendizagem na perspectiva da educação inclusiva.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 74p. 12 x 18 cm.

**ISBN: 978-65-265-2207-3 [Digital]**

1. Professor. 2. Educação inclusiva. 3. Aprendizagem. 4. Diretos à educação. I. Título.

CDD – 370

---

**Capa:** Marcos Della Porta

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Dianny Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2025

## Sumário

<b>Primeiras palavras.....</b>	<b>7</b>
<b>Compreendendo os direitos de desenvolvimento e aprendizagem pela perspectiva da educação inclusiva ...</b>	<b>11</b>
<b>Direitos de desenvolvimento e aprendizagem são oportunidades!.....</b>	<b>15</b>
<b>Conviver .....</b>	<b>19</b>
Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo .....	21
Colocando a mão na massa.....	22
<b>Brincar .....</b>	<b>25</b>
Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo .....	27
Colocando a mão na massa.....	28
<b>Participar.....</b>	<b>33</b>
Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo .....	35
Colocando a mão na massa.....	36
<b>Explorar.....</b>	<b>39</b>
Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo .....	40
Colocando a mão na massa.....	41
<b>Expressar-se.....</b>	<b>43</b>
Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo .....	44
Colocando a mão na massa.....	45
<b>Conhecer-se .....</b>	<b>47</b>
Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo .....	49
Colocando a mão na massa.....	50
<b>Por onde começar?.....</b>	<b>53</b>
De onde surgiram essas ideias?.....	56

<b>Implementação do Sistema de Suporte Multi Camadas na Educação Infantil .....</b>	<b>61</b>
A Abordagem do Ensino Diferenciado (AED) e sua contribuição para a educação inclusiva na educação infantil.....	63
<b>Contribuição para a Educação Inclusiva na Educação Infantil .....</b>	<b>65</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>69</b>
<b>Referências .....</b>	<b>71</b>

## Primeiras palavras...

A educação inclusiva é uma concepção que visa garantir que todas as crianças, independentemente de suas habilidades, origens ou necessidades específicas, tenham acesso a um ambiente de aprendizagem que promova seu desenvolvimento integral. Na Educação Infantil, essa abordagem é especialmente importante, pois os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças.

Quando pensamos na realidade da educação inclusiva é comum que venham à mente, primeiro, os grandes desafios que encontramos todos os dias. Realmente não é algo fácil lidar com a pluralidade humana, muito menos com aspectos que envolvem um conhecimento que nos falta ou mesmo com situações inesperadas. Contudo, o que chama a atenção: normalmente imputamos à criança público - alvo da Educação Especial (PAEE) ou com atraso no desenvolvimento a responsabilidade de se adaptar, mudar, aprender, compreender... Não percebemos que tudo isso envolve um contexto, um tempo, oportunidades e, principalmente: um adulto que se interesse por esta criança. Profissionalmente vejo isso como um dos maiores desafios que envolvem a perspectiva inclusiva na educação infantil.

Por outro lado, na mesma medida que temos desafios imensos, temos aspectos positivos na educação inclusiva. Elementos que passam despercebidos por estarmos mais envolvidos no que não dá certo, no que desagrada ou frustra. O convite que apresento neste livro é justamente de revisitarmos nosso fazer com real disponibilidade para mudar, tendo como apoio as reflexões e proposições organizadas a partir dos seis direitos de desenvolvimento e aprendizagem. Deste modo, sinto que é muito necessário e até urgente, considerar que a implementação de práticas educacionais inclusivas traz uma série de benefícios não apenas para as crianças que são público – alvo da Educação Especial (PAEE), mas para toda a comunidade escolar.

Perceba, crianças que aprendem em ambientes inclusivos desenvolvem habilidades sociais como empatia, comunicação e resolução de conflitos. Elas aprendem a valorizar as diferenças e a trabalhar em equipe, habilidades essenciais para a vida em sociedade. A inclusão ajuda a promover um sentimento de pertencimento entre todas as crianças. Quando se sentem aceitas e valorizadas, a autoestima e a autoconfiança das crianças aumentam, o que é fundamental para seu desenvolvimento emocional. Esta perspectiva pode preparar as crianças para acolher um mundo diversificado, onde elas precisarão interagir e colaborar com pessoas de diferentes origens e habilidades. Isso as torna mais adaptáveis e preparadas para os desafios da vida adulta.

Na constatação de que a educação inclusiva vem avançando significativamente, os desafios que ainda encontramos podem ser compreendidos como oportunidades para melhorias e inovações que impactam em todas as crianças de modo positivo. Isso porque muitas das adequações que fazemos para atender o público alvo da educação especial podem qualificar o atendimento e o perfil diverso de aprendizagem e desenvolvimento que encontramos no dia a dia. Um bom exemplo é a necessidade de planejamento, pois não tem como ter êxito no imprevisto pedagógico. Ou seja, a presença de uma criança que tem necessidades desenvolvimentais mais específicas solicita que tenhamos intencionalidade e saibamos agir com previsibilidade. Outro exemplo é a possibilidade de utilizar tecnologia educacional. O uso crescente de tecnologia na educação oferece novas oportunidades para personalizar o aprendizado e atender às necessidades de todos. Ferramentas digitais podem facilitar a inclusão e o engajamento, representando um recurso de acessibilidade para crianças PAEE, mas também pode ser utilizado – em vários casos – por todo o grupo. Um terceiro exemplo é o estabelecimento de parcerias entre escolas, organizações comunitárias e instituições governamentais que podem fortalecer os esforços por consolidar processos inclusivos, proporcionando recursos e suporte adicionais que podem beneficiar a todos.

Nesta direção, e, considerando os aspectos assinalados, é que foram produzidas as reflexões e sugestões deste livro. Ele está organizado de modo que sua linguagem alcance quem tem interesse genuíno em modificar sua prática, não porque tem um roteiro - base para reproduzir incansavelmente, mas porque está disponível a olhar para si, para a criança e para o contexto em uma perspectiva diferente do comum.

## **Compreendendo os direitos de desenvolvimento e aprendizagem pela perspectiva da educação inclusiva**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes fundamentais para a educação infantil no Brasil, enfatizando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Esses direitos são essenciais para garantir que todas as crianças, independentemente de suas condições sociais, culturais ou de habilidades, tenham acesso a uma educação de qualidade que respeite suas singularidades e potencialidades. A BNCC propõe que a educação infantil deve ser um espaço de acolhimento, onde as crianças possam explorar, brincar e aprender de forma integral, promovendo seu desenvolvimento em diferentes níveis.

Os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil são fundamentais para garantir que todas as crianças tenham acesso a uma formação integral e de qualidade. Esses direitos, consagrados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reconhecem a infância como uma fase crucial para o desenvolvimento humano, onde as experiências vividas e as interações sociais desempenham um papel vital na formação da identidade e das habilidades das crianças.

Considerando que estamos falando de “direitos de aprender algo...” as experiências de aprendizagem devem considerar as melhores oportunidades para todas as crianças. Junto a isso e, entendendo que o cotidiano na educação Infantil é inteiramente pedagógico, toda e qualquer experiência pode se constituir em uma proposta sistematizada, intencional e qualificada para as crianças. Tais aspectos me conduzem a pensar que uma educação de qualidade é por si só inclusiva.

Nesta perspectiva, este material pretende contribuir com o processo inclusivo a partir do entendimento de que devemos ter um olhar atento, sensível e acolhedor que qualifique os fazeres cotidianos na educação infantil.

Em meu cotidiano profissional é bastante comum, ao realizar orientações sobre processos inclusivos, começar pelo que é mais geral. Ou seja, não é raro perceber a necessidade de ajustarmos pontos do contexto: gestão do tempo, organização das salas de referência, a escolha dos materiais, o olhar dos profissionais, por exemplo. E, após tais ajustes, em um segundo momento, buscamos aspectos mais individuais. E, neste ponto, a partir do perfil de necessidades e potenciais da criança PAEE, vamos elencando estratégias, apoios e suportes adequados. Pensando particularmente nas crianças foco de processos inclusivos, dadas suas especificidades de apoios e suportes, me parece óbvio e urgente afirmar que não podemos improvisar

em nosso fazer pedagógico. Ou como diria uma amiga que admiro muito: *“não dá para fazer um puxadinho pedagógico”*. Nada de remendos. Planejar é requisito básico de um atendimento. Não planejar, na educação infantil, é antecipar fracassos. E, é nesta perspectiva de entendimento dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento que proponho as contribuições deste texto.

Não há uma receita prévia de como fazer para tornar contextos de educação infantil mais inclusivos, mas existem modos de pensar, existem questões que podem orientar nosso olhar e dimensionar nosso papel diante desta criança PAEE.

A relação entre os direitos de aprendizagem e a educação inclusiva é crucial, pois a inclusão vai além da simples presença de crianças com deficiência ou necessidades educacionais específicas nas salas de aula. Trata-se de criar um ambiente educacional que valorize a diversidade e promova a participação ativa de todas as crianças. A BNCC, ao reconhecer a importância da individualidade e do respeito às diferenças, serve como um guia para que educadores implementem práticas inclusivas que atendam às necessidades de cada criança. Dessa forma, a educação inclusiva na infância não apenas cumpre um papel legal, mas também se torna um compromisso ético e pedagógico, assegurando que todas as crianças tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver em um ambiente que acolhe e celebra suas particularidades.

Deste modo, pensando em específico sobre os direitos de desenvolvimento e aprendizagem preconizados na BNCC, ressalto que eles são essenciais para que todas as crianças, independentemente de suas condições, tenham acesso a uma educação de qualidade, portanto, que respeite suas singularidades.

## **Direitos de desenvolvimento e aprendizagem são oportunidades!**

Cada um dos direitos é uma oportunidade de promover experiências significativas para todas as crianças que compõem o público – alvo da Educação Especial (PAEE).

O direito ao brincar é um dos pilares da educação infantil. Brincar não é apenas uma atividade lúdica, mas uma forma de aprendizado que promove o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Através do brincar, as crianças exploram o mundo, desenvolvem a criatividade e aprendem a resolver problemas. É crucial que educadores reconheçam a importância do brincar e criem ambientes que incentivem essa prática, permitindo que todas as crianças, incluindo aquelas com deficiências, tenham oportunidades adequadas para brincar e aprender.

A convivência é outro direito fundamental que deve ser promovido na educação infantil. A interação com outras crianças e adultos em um ambiente inclusivo ensina respeito à diversidade e promove habilidades sociais essenciais. A convivência não deve ser vista apenas como a presença física de crianças com diferentes características, mas como uma oportunidade de aprendizado mútuo, onde cada criança pode experimentar e aprender com as singularidades do outro. Isso enriquece a experiência

humana e contribui para a formação de sujeitos mais empáticos e conscientes.

A participação ativa das crianças em seu processo educativo é um direito que deve ser garantido. Isso envolve escutar suas opiniões, respeitar suas escolhas e permitir que se expressem de maneira livre e criativa. A participação não deve ser apenas simbólica; é fundamental que as crianças sejam protagonistas de seu aprendizado, contribuindo para a construção de um ambiente educacional que valorize suas vozes e experiências. Essa abordagem fortalece a autoestima e a autonomia das crianças, preparando-as para serem cidadãos críticos e ativos.

Explorar o mundo ao seu redor é um direito que deve ser assegurado a todas as crianças. A exploração implica em criar ambientes seguros e acessíveis, onde as crianças possam se sentir à vontade para investigar, experimentar e descobrir. Educadores devem planejar cuidadosamente esses espaços, garantindo que todos os materiais e atividades sejam inclusivos e reflitam a diversidade das experiências infantis. A exploração é uma forma de aprendizado que estimula a curiosidade e a criatividade, essenciais para o desenvolvimento integral.

A expressão é um aspecto vital do desenvolvimento infantil. Cada criança deve ter a oportunidade de se expressar de diferentes maneiras, seja através da fala, gestos ou outras formas de comunicação. Os educadores precisam estar atentos às diversas formas de expressão das crianças. Esse

direcionamento do olhar é um ponto fundamental para promover um ambiente de respeito e compreensão.

Conhecer-se é um processo que se inicia na infância e é influenciado pelas interações sociais e afetivas. A construção da identidade da criança está intrinsecamente ligada ao reconhecimento de seus direitos e à valorização de suas experiências. Educadores desempenham um papel crucial nesse processo, pois suas atitudes e comportamentos influenciam a forma como as crianças se percebem e se relacionam com o mundo. É essencial que os educadores promovam um ambiente que celebre a individualidade de cada criança, ajudando-as a se conhecerem e a se valorizarem. Cada um destes direitos deve produzir experiências de aprendizagem que acolham todas as crianças. Mas como fazer isso? Não existe um jeito de fazer que esteja pronto, mas é possível constituir um modo de pensar.

E como estar preparado para oferecer tais experiências respeitando os direitos de aprendizagem? Essa é uma questão recorrente no meu cotidiano profissional. Costumo afirmar que há uma forma de pensar o processo inclusivo. Existem perguntas que precisam nortear nossas escolhas. Algumas destas questões são indicadas na próxima parte deste texto.



## Conviver

**As crianças devem ter a oportunidade de conviver com outras crianças e adultos, em pequenos ou grandes grupos**

Aprender a conviver com outras crianças e adultos, em grupos diversos, utilizando múltiplas linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, construindo o respeito em relação à pluralidade que nos cerca é direito. Você já pensou como este direito se relaciona com a educação inclusiva?

“Com viver”, com vida, com potência e movimento. Conviver nesta perspectiva inclusiva é ação que humaniza, pois amplia possibilidades, promove encontros e conflitos. Conviver para a criança PAEE consiste em uma oportunidade de sentir a potência da vida para além do seio familiar. Com viver!

Promover a convivência de crianças com seus pares a auxilia a ter desafios adequados para sua faixa etária. Proporciona que ela tenha modelos de comportamento, conflitos e aprendizagens próximas ao que é considerado típico em termos de desenvolvimento para a sua idade.

Conviver com a pluralidade e com o diverso ensina respeito, aceitação, compreensão. Cada

vivência traz em si uma riqueza e uma necessidade de adaptação em um universo de possibilidades imensuráveis. Em termos de desenvolvimento e aprendizagem, conviver pode trazer grandes chances para que a criança experimente seus próprios limites, testando a potência de seu corpo e de sua mente. Presa a um berço, a uma cadeira, a um braço que a segure, a um espaço de confinamento como ir além? Como experimentar cores, sabores, aromas e texturas? Como experienciar o mundo que a cerca?

Neste sentido, conviver solicita certa liberdade para que o corpo e a mente explorem as oportunidades que os espaços e as relações proporcionam. Conviver exige relacionamentos e tem como uma de suas implicações a interação com diferentes recursos subjetivos e objetivos.

Cabe lembrar que um dos eixos estruturantes da Educação Infantil é o interagir. Como interagir sem conviver? Sem transitar entre diferentes grupos? Sem ousar experimentar diferentes rotinas? Sem tocar o outro?

Ter acesso a diferentes grupos culturais permite comparações, semelhanças e diferenças estéticas. Apura os sentidos, refina os saberes sobre o mundo. Na convivência quebramos barreiras e estereótipos, desvelamos as singularidades dos outros. Ao percebermos que somos todos singulares, podemos nos unir em comunidades mais sensíveis e humanizadas. Conviver é disponibilizar-se ao outro, ao seu tempo, ao seu jeito e a sua forma.

Na junção existente entre o cuidar e o educar, tão própria da Educação Infantil, a convivência permite que o cuidado seja intencional, pedagógico e rico de afetos. Também permite que o educar seja pelo encontro com o outro, numa aproximação própria de quem se admira e se encanta com a novidade comunicada que chega.

### **Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo**

- Você realmente conhece a criança PAEE, que é foco do processo inclusivo? Sabe seus interesses? Tem informações sobre a família dela? Sobre seus potenciais? Ou só sabe o que ela não consegue fazer?

- Você já parou para pensar nas barreiras que podem impedir que a criança PAEE usufrua das propostas e dos espaços?

- Você procura facilitar a convivência entre as crianças? Como faz isso? Importante criar um ambiente acolhedor, amoroso, harmônico e bem estruturado no qual as crianças se identifiquem umas com as outras;

- Você já percebeu que seu comportamento é modelo?

- Você se dedica a realizar um bom planejamento? Ou costuma atender as crianças a partir do improvisado? Planeje, não improvise. Fazemos com elas e para elas. A centralidade do

fazer pedagógico está nas crianças. Considere a idade das crianças, o perfil de seu grupo e as singularidades ali inseridas;

- Os contextos educacionais infantis devem ser locais que promovem bem estar e saúde. Isso significa que deve ser bom estar ali. A convivência deve ser prazerosa e saudável; Se pergunte: você gostaria de estar ali? O que faz desse espaço e desse tempo pedagógico algo bom para as crianças que você atende?

- Se elas estão aprendendo a conviver, se questione: qual é o modelo de convivência humana que você está promovendo?

- Suas expectativas de convivência entre as crianças estão adequadas à idade delas e ao contexto onde elas se inserem?

- Se pergunte: como fazer para que as crianças sintam-se pertencentes a esse espaço? É a criança PAEE? O que neste contexto indica que ela pertence a esse grupo, nesse tempo?

### **Colocando a mão na massa**

Após refletir, é primordial voltar ao contexto onde se atende as crianças e analisá-lo. Neste caso, em específico, vamos pensar em aspectos que possam ajudar a produzir pertencimento e melhorar a convivência entre as crianças:

- Comece sempre por você: Analise sua forma de agir, conversar e lidar com a turma e com as dificuldades e frustrações. Reflita sobre suas escolhas, enquanto adulto - referência e se necessário modifique sua forma de atuar;

- Uma convivência prazerosa implica em vínculo, sensibilidade, cuidado e planejamento: lembre-se que elas estão aprendendo a ser e estar umas com as outras; Não cobre delas comportamentos que não fazem parte do repertório de aprendizagem ainda; Elas estão ali para aprender com você e umas com as outras;

- Reflita sobre suas expectativas, ajuste o seu olhar para a faixa etária das crianças, para o repertório que elas trazem e para quais são suas experiências sócio/afetivas anteriores;

- Olhe para o espaço: Crie um clima hospitaleiro, acolhedor, confortável e seguro. Para isso: ouça, acolha, dialogue. Use esses indicativos para educar o seu fazer; Se for possível faça assembleias com as crianças. Peça a opinião delas.

- Conviver é mais do que só estar junto em um espaço. Implica em pertencer. Logo, os espaços devem refletir características, interesses e demandas de todas as crianças que estão ali; Há fotos das crianças na sala? Essas fotos estão numa altura em que elas possam se ver? Há alguma foto da criança PAEE na sala referência?

- Invista em histórias sociais que tragam modelos positivos de resolução de problemas de convivência;

- Promova brincadeiras cooperativas. Incentive brincadeiras que promovam a colaboração entre as crianças, como jogos em grupo que exijam trabalho em equipe e respeito mútuo;

- Ensine a conviver em momentos de tranquilidade e não tente fazer isso durante situações de crise. A neurociência nos ensina que comportamentos adequados devem ser ensinados em momentos nos quais a criança está disponível, relaxada e se sentindo segura. (Essa é uma dica de ouro!!! Aproveite!!!)

## Brincar

**As crianças devem brincar todos os dias, de diversos modos, em espaços e tempos diferentes. Na perspectiva da educação inclusiva, o brincar é uma “porta” para o mundo!!!**

É amplamente divulgado que o brincar é elemento fundamental na Educação Infantil. Os espaços, os tempos, os materiais e as práticas pedagógicas devem comungar deste pressuposto, materializando-o no cotidiano das instituições que atendem a infância. Costumamos afirmar: toda criança brinca. Antes de discorrer a respeito deste direito convido às seguintes reflexões:

Será que toda criança brinca mesmo? Ela nasce sabendo brincar ou aprende a brincar ao longo de seu desenvolvimento? Quem ou o que amplia o repertório do brincar da criança com deficiência? Todos os adultos sabem como brincar com uma criança? Professores da educação infantil sabem como brincar com as crianças de sua turma? Você se considera um adulto brincante? A criança que é foco da educação inclusiva brinca? O quanto o brincar é relevante para a criança PAEE?

Aprendemos a brincar conforme alguém brinca conosco. Seria diferente com a criança que tem alguma

síndrome ou deficiência? Não. Ela aprende, como toda criança: pelo modelo, pela interação, pela mediação, pelos afetos provocados. O que tem de diferente? Em muitas situações a criança com deficiência precisará de mais tempo para se apropriar do brincar, talvez ela precise de uma interação mais direta e individualizada em alguns momentos, talvez seja necessário algum tipo de adequação neste brincar e nos brinquedos. Quem vai indicar isso? Uma observação sensível e apurada ajuda a perceber o que é necessário adequar. A reflexão, o interesse na criança, a pesquisa e o planejamento devem direcionar nossos brincares numa perspectiva inclusiva.

Ao considerar que o brincar deve estruturar o trabalho com bebês e crianças pequenas, deve-se pensar que todas ali inseridas devem ter garantidas diferentes experiências de brincar. Desde o mais simples que seja brincar com seu próprio corpo, com seus sentidos até o mais refinado modo de brincar.

E o que é necessário para brincar? O que é necessário para que uma criança foco da educação inclusiva possa brincar? Ouso responder que só é necessário um outro ser humano interessado nela. Se entendemos a amplitude e as inúmeras possibilidades de se brincar, então não ficaríamos esperando apenas por brinquedos adaptados para permitir que este direito de se humanizar fosse concretizado.

No brincar a criança aprende sobre si, sobre o mundo, entrando em contato com diferentes possibilidades de criação, de organização e de

imaginação. Pelo brincar com outras pessoas aprende a seguir regras, a argumentar, a esperar, por exemplo. Mas o brincar também tem uma dimensão de afeto. No brincar recebo atenção, sou ouvido, considerado. Sinto-me protagonista, capaz. No brincar posso ser mocinho ou vilão, grande, forte e poderoso. No brincar solto meu corpo, solto meu riso, sinto-se parte do grupo e experimento a potência do meu ser. No brincar me emociono, choro, grito, enfrento. No brincar amplio horizontes e limites. O brincar é direito, é “coisa” aprendida e é algo precioso do ponto de vista do humanizar-se, do constituir-se pessoa.

Não há infância sem “brincades”; O brincar pressupõe desafios, relações, tentativas, reflexões, ampliação de repertórios de diferentes naturezas. No brincar há transformação, ações motivadas e repletas de significados e diferentes possibilidades de interpretação do mundo. Assim, pode-se afirmar que não há inclusão sem a promoção e a garantia do brincar.

### **Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo**

- Você sabe quais são os brincades mais característicos da fase em que suas crianças estão?
- Você tem um bom repertório de brincar?
- Em seu planejamento você considera o brincar como um componente? Ou o brincar é improvisado e sempre livre?

- O ambiente é propício para um brincar com autonomia? Ou as crianças precisam sempre pedir algo para você neste momento?

- Você sabe quais são as crianças que demonstram menor repertório brincante?

- Você ensina as crianças a brincar?

- Você classifica os brinquedos com intencionalidade pedagógica ou só guarda todos juntos?

- Você já observou o brincar da criança PAEE da sua turma? O que você saberia dizer sobre isso é suficiente para realizar adequações e incentivá-la a brincar mais? Você sabe quais seus interesses? Com o que e com quem ela brinca quando está em casa?

- Será que alguma criança, além desta que é PAEE, precisaria de algum apoio para os momentos de brincar?

### **Colocando a mão na massa**

Vamos pensar em aspectos que possam tornar o brincar um recurso de inclusão educacional:

- Tenha uma atitude brincante, haja com humor;

- Observe sem interferir. Observe a criança foco do processo inclusivo com sensibilidade e disposição para não julgar ou criticar o que ela faz ou o modo como brinca. Registre. Reflita;

- Ensine a brincar. Muitas vezes a criança PAEE tem dificuldades em realizar um brincar funcional simplesmente porque ninguém deu o modelo para ela;

- Se divirta com a criança, estabeleça parceria no brincar. Aceite o modo dela de brincar. Anote pontos fortes e interessantes para que você possa usar no seu planejamento e promover outros brincares;

- Incentive e valorize as tentativas dela de brincar. Descubra suas preferências. Mostre interesse por aquilo que é importante para ela;

- Para ampliar o repertório brincante da criança, ofereça modelos de brincar. Nomeie os brinquedos e descreva o que estão fazendo. Crie, invente, brinque junto;

- Às vezes a criança não entende o que é esperado dela. Oriente. Em diferentes situações não é suficiente orientar verbalmente. Então deixe que a criança explore, crie com liberdade, segurança e acolhimento. Procure perceber o que ela está comunicando por meio deste brincar;

- Proponha brincadeiras em duplas ou em pequenos grupos para que haja a experiência de brincar com o outro. Mas não force ou obrigue. A aproximação entre as crianças deve ser algo que ocorre nas afinidades. Perceba as afinidades e promova vínculos, amorosidade e alegria;

- As crianças não precisam brincar da mesma coisa sempre. Lembre que a criatividade pede espaço, liberdade e tempo. Promova escolhas, autonomia e protagonismo. Você pode fazer assembleias nas quais

as crianças indicam os melhores brincar. Envolver a criança PAEE nesse processo;

- Valorize o brincar como uma forma importante da criança experimentar o uso do corpo e a exploração do seu entorno. Crie ambientes interessantes. Elementos naturais e não estruturados podem proporcionar experiências brincantes importantes e afetivas;

- Torne os ambientes acessíveis para o brincar. Crie espaços de brincadeira que sejam acessíveis a todas as crianças, incluindo aquelas com deficiências. Isso pode incluir áreas com superfícies adequadas, brinquedos adaptados e equipamentos que atendam a diferentes necessidades.

- Ofereça uma variedade de brinquedos que atendam a diferentes habilidades e interesses. Inclua brinquedos sensoriais, jogos de construção, materiais artísticos e brinquedos que estimulem a imaginação. Tenha intencionalidade;

- Proponha brincadeiras que incentivem a colaboração entre as crianças, como jogos em grupo ou atividades que exijam trabalho em equipe, promovendo a interação e o respeito mútuo;

- Esteja disposto a adaptar as regras dos jogos para garantir que todas as crianças possam participar. Isso pode incluir simplificar as regras ou criar variações que atendam às diferentes habilidades;

- Estimulação Sensorial: Inclua atividades que estimulem os sentidos, como brincadeiras com água, areia, texturas variadas e sons. Isso ajuda a envolver

todas as crianças, independentemente de suas habilidades. Pense nisso mesmo para crianças maiores;

- Ensine e demonstre comportamentos inclusivos durante as brincadeiras, como compartilhar, esperar a vez e respeitar as diferenças, para que as crianças aprendam a interagir de forma positiva;

- Incentive todas as crianças a se envolverem ativamente nas brincadeiras, oferecendo suporte e encorajamento para que se sintam seguras e confiantes em participar;

- Organize momentos de roda de brincadeiras onde as crianças possam escolher atividades e compartilhar suas preferências, promovendo a autonomia e a expressão individual;

- Ofereça *feedback* positivo e encorajador durante as brincadeiras, destacando as contribuições de cada criança e reforçando a importância da diversidade nas interações;

- Envolver as famílias sempre que possível. Incentive a participação das famílias nas atividades de brincadeira, promovendo eventos que incluam pais e responsáveis, fortalecendo a comunidade e a troca de saberes;

- Na educação infantil os espaços e tempos devem ser convidativos ao brincar de modo constante.



## Participar

**As crianças devem participar ativamente, de diferentes momentos, incluindo os de gestão.  
Participar é ser protagonista!!!**

É direito das crianças: participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto no planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

Compõe a participação: a tentativa, o equívoco, a adaptação e o protagonismo da criança. Ser protagonista é direito e é um aspecto que está intrinsecamente relacionado ao participar efetivo. Implica em um posicionamento no qual há regras e combinados, há organização, há cuidado e atenção do adulto para a criança, mas há uma criança que deve ser ouvida, respeitada em seus momentos e modos de expressão, sendo observada e celebrada em sua potência, em seu saber e seu fazer.

Que lugar tem o equívoco num mundo cheio de *pseudoperfeições*? Que lugar tem a tentativa, num contexto em que se plastificam os ambientes e as

relações? Há que se pensar o valor da efetiva participação das crianças nos diferentes momentos de sua escolarização.

Participar de modo ativo implica em dar momentos de expressão, de reflexão, de escolha, com liberdade de ação dentro da rotina da educação infantil. Este direito para concretizar-se necessita de um ambiente de escuta atenta, sem respostas prontas e acabadas, feitas na perspectiva de mundo do adulto. Para participar o bebê e a criança usarão seu corpo como meio de agir, explorar e expressar-se. Desse modo, os ambientes, os tempos e as relações devem assegurar, promover e valorizar a participação infantil, reconhecendo a potência da infância e da criança. Sugere-se a construção de uma visão de criança que é ativa no mundo, que influencia e é influenciada pelo que lhe cerca e que não deve ser circunscrita a uma espera permanente para que lhe autorizem a participação. Como garantir o direito à participação em um mundo repleto de “nãos”? A resposta a esta questão está associada a um estudo profundo da infância, de desenvolvimento infantil, mas também a consolidação de um planejamento que contenha intencionalidade pedagógica.

Interessante pontuar que, na atualidade, quando estudamos sobre educação inclusiva, a participação é um de seus pilares. Logo, nossos esforços devem ser voltados a ampliar e qualificar cada vez mais a participação da criança PAEE nos contextos educacionais.

Por fim, este direito nos remete à concepção de uma criança que pode ser protagonista de seu desenvolvimento e de sua aprendizagem.

### **Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo**

- A criança PAEE participa ativamente das propostas?

- Você já pensou sobre as condições de desenvolvimento da criança foco do processo inclusivo e analisou a sua participação a partir disso? Considerando o que ela tem de necessidades específicas e do que tem de potencial?

- Qual a principal necessidade de apoio ou de suporte que esta criança apresenta para que sua participação seja ampliada?

- Quais expectativas você tem sobre essa criança e suas condições de estar neste contexto?

- Você faz adequações nos espaços, no mobiliário, nos materiais, na gestão de tempo para tornar as propostas mais acessíveis?

- Você planeja atividades de modo que estas possam ser ajustadas às necessidades de cada criança, garantindo que todas possam participar de acordo com suas capacidades?

- Você percebe a necessidade de utilizar recursos como pranchas de comunicação, softwares acessíveis e materiais em braille ou audiodescrição para facilitar a participação da criança foco?

## **Colocando a mão na massa**

- Aceite a forma como a criança participa;
- Não coloque em evidência o que ela não consegue fazer em virtude de sua deficiência ou necessidade educacional específica;
  - Estimule diferentes modos de participação, de acordo com as características das crianças, seus potenciais, interesses e habilidades consolidadas;
  - Incentive que a criança expresse seu ponto de vista sobre o que ocorre do jeito que for possível, confortável e seguro para ela;
  - Dê modelos positivos por meio de histórias sociais com dramatização, uso de fantoches, bonecos ou mesmo um brincar de faz de conta ou de alguma outra forma;
  - Sempre que possível permita que a criança faça escolhas: o que brincar, com o que brincar, com quem brincar, como brincar. Valide suas escolhas;
  - Crie momentos em que a criança possa escolher/direcionar uma atividade (ensinar uma música nova; mostrar algo que aprendeu ou que faz em casa, por exemplo);
  - Perceba como a criança tenta resolver conflitos e desafios do seu cotidiano e, sempre que possível dê tempo e espaço para que ela busque um jeito de resolver com seus próprios recursos;
  - Valorize suas tentativas. Valide bons comportamentos;

- Não anule ou invalide a criança, mas direcione com firmeza, carinho e respeito e, principalmente: de acordo com a idade dela.



## Explorar

**As crianças devem explorar gestos, movimentos, formas, sons, cores, texturas, palavras, transformações, histórias, emoções, objetos e elementos da natureza.**

Explorar pode ter como sinônimo conhecer, analisar, percorrer. Esse direito implica em movimento e oportunidade de observar, pegar, sentir, fruir experiências significativas e positivas. Esse direito solicita espaços acessíveis, seguros, organizados, funcionais que reflitam as infâncias que abarcam. Para garantir esse direito é primordial que haja estudo, reflexão, intencionalidade pedagógica e planejamento.

Explorar pressupõe segurança, bem estar, confiança. A criança pequena precisa se sentir à vontade, confortável e segura para explorar o espaço e tudo o que está à disposição dela. Por isto, além de convidativo do ponto de vista das cores, formas e estrutura (mobiliário, elementos pedagógicos), o espaço deve converter-se em um ambiente adequado, confortável. Um ambiente que reflete a identidade do grupo que transita por ali. Ele deve se transformar ao longo do tempo, assim como as crianças se transformam. Logo, esteja atento aos brinquedos que

se repetem, materiais que nunca são trocados ou espaços que são organizados pela lógica adultocêntrica.

Neste sentido, cabe perguntar-se como devo organizar este espaço para promover autonomia, motivação e segurança? Este ambiente reflete o grupo de crianças que atendo? Todas as crianças são contempladas nesta identidade espacial e temporal? Todas as crianças têm seus interesses valorizados nos materiais a serem explorados? E a criança PAEE? Ela encontra eco em suas habilidades de exploração do ambiente e dos materiais?

Planejar a organização e uso dos espaços é primordial. Muitas vezes a criança foco do processo inclusivo não consegue usufruir dos espaços, explorando-os, pois não sabe o que é esperado dela ou o que é possível fazer. Observe se a criança se sente segura diante dos materiais, mobiliários, pessoas. Em algumas situações ela não explora as possibilidades porque não há acessibilidade.

### **Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo**

- O espaço e os materiais estão dispostos de modo a que as crianças possam explorar com autonomia ou sempre precisam de algum direcionamento? Os espaços e materiais se renovam de modo que agreguem novidades?

- Há alguma intencionalidade pedagógica no *layout* da sala?
- Você organiza sua sala de referência pensando nos diferentes perfis de aprendizagem e desenvolvimento?
- Quais texturas chamam mais atenção? Quais sons assustam? Que materiais despertam maior curiosidade?
- Você costuma pensar no tempo para explorar materiais e contextos diferentes? Como você faz a gestão do tempo quando se refere a esse direito?
- Você está atento aos sinais que as crianças dão de que é preciso mudar a proposta? O que você faz diante disso?

### **Colocando a mão na massa**

- A exploração deve ter intencionalidade. Planeje diferentes modos de explorar os espaços e materiais;
- Dê tempo para que o explorar seja proveitoso. Se necessário crie provocações para que a criança explore o material. Explore junto, pergunte, demonstre, dê modelos;
- Nomeie os materiais, explique as propostas de modo que a criança foca se sinta segura e capaz de explorar;

- Veja como elas fazem e aprenda com elas: Observe os modos com os quais as crianças exploram os espaços e os materiais;

- Dê tempo e oportunidade para que o grupo e, a criança foco, amplie as propostas de modo criativo;

- Interfira menos e incentive mais. E, ao incentivar, procure valorizar a escolha da criança; Diante da dificuldade da criança, não a responsabilize por não tentar ou não conseguir alcançar as suas expectativas.

- Observe, acolha, oriente e promova bem – estar nas propostas.

## Expressar-se

**As crianças devem expressar suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens**

Tem uma frase que costuma reverberar quando penso sobre esse direito: “toda pessoa deseja ser compreendida”. Toda criança precisa ser compreendida para se constituir sujeito, saudável e seguro. A compreensão de si e do mundo que a rodeia é perpassada por diferentes modos de expressão. Portanto, aprender a expressar-se é algo muito importante, pois é parte do nosso processo de humanização.

Nós já nascemos com habilidades para expressar desejos básicos, mas não conseguimos fazer isso de forma bem refinada e estruturada como um adulto com sistema nervoso maduro e com experiência de vida. Choros, gritos e gestos são habilidades básicas, simples que vão se aprimorando até se tornarem diálogo, percepção de estados emocionais e expressão de desejos, por exemplo. Com a mediação de quem cuida da criança tudo isso vai ganhando contornos mais significativos.

Na medida em que a criança vai progredindo em seu desenvolvimento, nos diferentes níveis, ocorre uma expansão em seu potencial e em suas habilidades expressivas. Ou seja, ela passa a ter maiores recursos para expressar-se com mais qualidade e assertividade.

Isso significa que todos nós aprendemos a nos expressar no decorrer das múltiplas vivências e no encontro com outras pessoas. Garantir este direito pede uma ação muito sensível e delicada, exercida continuamente. Aprender a expressar-se. Garantir vez e voz. Compreender o lugar de onde essa criança se expressa.

O educador deve estar sensível às inúmeras possibilidades de expressão das crianças que atende. Deve estimular a expressão, acolhendo os diferentes modos que bebês e crianças criam para expressar.

O corpo se expressa de tantas maneiras. O expressar-se requer motivo, engajamento, troca, tempo, oportunidade. Os motivos normalmente vêm do afeto, do querer mostrar, demonstrar, experimentar. Expressar-se implica em uma troca realizada em um tempo. É uma ação que pode ser realizada de inúmeras formas.

### **Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo**

- Observe e identifique: Como a criança se comunica? Gestos, expressões faciais, palavras, frases?

- Questione-se e observe com atenção e cuidado: Ela consegue expressar suas necessidades básicas? Muitas vezes comportamentos inadequados surgem quando a criança não consegue comunicar sede, fome, sono, dor;

- Você dá condições e tempo para que ela se expresse? Ou costuma falar por ela?

- Ela precisa de algum tipo de suporte para se expressar? (pistas visuais, gestos, cartão de comunicação, outro).

### **Colocando a mão na massa**

- Não ignore atos comunicativos só porque não são verbais ou não se encaixam no seu padrão de comunicação.

- Estude sobre comunicação ampliada, suplementar ou alternativa. E se for necessário use;

- Nomeie os objetos, as pessoas, os locais, explique de modo objetivo o que fazemos nos diferentes espaços, por exemplo – APRESENTE o mundo ao bebê/criança sempre!

- Incentive as tentativas de comunicação, mesmo que sejam discretas;

- Não fale por ela, mas com ela. Ajude a perceber a função da comunicação;

- Dê tempo para que a criança se comunique. Às vezes exigimos da criança uma resposta rápida e quando ela não consegue, passamos para a próxima

proposta ou ação, ignorando seus esforços e desestimulando seu potencial comunicativo. Fique atento!

- Fale de modo claro, objetivo. Frases simples, curtas. Sempre que possível se posicione na mesma altura que a criança. Isso denota respeito e ajuda a manter a atenção dela no momento.

## Conhecer-se

**Sem dúvida, a primeira infância é um período de construção. Construir sua identidade é parte importante deste momento do desenvolvimento.**

É fundamental saber que tua ação referencia o outro. O teu jeito de olhar diz de forma silenciosa o que o outro é. A criança apreende gestos, olhares, palavras e exemplos. Ela se percebe humana, parte de uma comunidade, conhece seus direitos, aprende a olhar para si, compreende-se como um sujeito e constitui sua subjetividade a partir do conjunto de relações que vivencia e dos afetos provocados nas diferentes experiências.

O direito de conhecer-se é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autoestima de cada indivíduo. Desde a infância, as crianças devem ter a oportunidade de explorar quem são, compreender suas emoções, habilidades e limitações. Esse processo de autoconhecimento é essencial para a construção da autonomia e do bem-estar emocional, permitindo que cada criança se sinta valorizada e respeitada em sua singularidade. Na educação infantil, esse direito deve ser promovido por meio de experiências pedagógicas que incentivem a

auto expressão, a reflexão sobre si mesmo e a interação com os outros de maneira empática e respeitosa.

Nesse contexto, a educação inclusiva desempenha um papel crucial, pois garante que todas as crianças, independentemente de suas diferenças, tenham acesso a um ambiente acolhedor e que favoreça o autoconhecimento. Quando a escola adota práticas inclusivas, ela reconhece e valoriza a diversidade, permitindo que cada aluno se perceba como parte integrante do grupo e da sociedade. A acessibilidade, a adaptação curricular e as estratégias pedagógicas diferenciadas possibilitam que crianças com e sem deficiência aprendam juntas, promovendo não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o respeito às diferenças e a construção de uma identidade positiva.

Além disso, a educação inclusiva na infância reforça a ideia de que todos têm direito ao aprendizado e ao reconhecimento de suas potencialidades. Quando as crianças convivem em um ambiente que valoriza a diversidade, aprendem desde cedo que as diferenças não são obstáculos, mas sim características que tornam cada pessoa única. Esse aprendizado é essencial para a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes, que respeitam o outro e se reconhecem como parte de um todo. O direito de conhecer-se, nesse sentido, está diretamente ligado à inclusão, pois ambas promovem a aceitação e a valorização das singularidades individuais.

Portanto, garantir o direito ao autoconhecimento na educação infantil passa, necessariamente, por uma abordagem inclusiva. É fundamental que os educadores sejam preparados para acolher cada criança em sua individualidade, oferecendo oportunidades para que todas possam desenvolver-se plenamente. A educação inclusiva não apenas promove o respeito e a equidade, mas também fortalece a construção de uma sociedade mais justa, onde cada indivíduo se reconhece e é reconhecido em sua totalidade.

### **Reflexões para um fazer mais sensível e inclusivo**

- Que estratégias você proporciona para que todas as crianças se sintam pertencentes ao contexto de sua sala? Cada criança tem sua própria identidade e trajetória. Criar um ambiente onde todas se sintam pertencentes é essencial para um desenvolvimento saudável;

- Perceba como você fala da criança e com ela. Quais termos você costuma associar a criança. Por exemplo: você se refere a ela pelo nome ou pelo diagnóstico? O modo como os adultos enxergam e interagem com a criança influencia diretamente sua autoestima e percepção de mundo;

- Você costuma ensinar comportamentos adequados quando a criança está em crise ou tem propostas frequentes para ajudar a regular as emoções, por exemplo? Autoconhecimento é um

direito. Permitir que as crianças descubram quem são, compreendam seus sentimentos e reconheçam suas potencialidades fortalece sua identidade e autonomia;

- Você valoriza as diferentes formas de expressão das crianças ou busca estabelecer padrões? Cada criança aprende e se expressa de maneira única. Uma educação sensível deve considerar e respeitar essas diferenças;

- Você costuma dar atenção para a criança PAEE em momentos de tranquilidade ou apenas quando ela não está respondendo às suas expectativas? Afetividade é a base do aprendizado. O vínculo afetivo entre educador e criança potencializa a aprendizagem e fortalece a segurança emocional.

### **Colocando a mão na massa**

- Conheça profundamente a criança. Identifique seus interesses, preferências e formas de interação para promover um ambiente de engajamento e pertencimento.

- Valide bons comportamentos, dê atenção aos seus interesses, acolha-a com atenção e carinho, nos momentos de tranquilidade;

- Elimine barreiras de aprendizagem. Avalie e adapte os espaços e as propostas pedagógicas para garantir acessibilidade e participação.

- Crie um ambiente acolhedor e estimulante. Um espaço inclusivo deve favorecer interações positivas, segurança e pertencimento.

- Seja um modelo de convivência respeitosa. O comportamento do adulto influencia as crianças. Atue com empatia, paciência e inclusão.

- Planeje com intencionalidade. Considere a diversidade do grupo e garanta que todas as crianças tenham oportunidades equivalentes de aprendizagem e interação.

- Valorize a expressão de cada criança. Respeite diferentes formas de comunicação e incentive a participação de maneira adaptada às necessidades de cada uma.

- Promova brincadeiras inclusivas. Ofereça brinquedos e atividades que permitam a interação de todas as crianças, respeitando ritmos e modos de brincar.

- Dê autonomia e protagonismo. Permita que as crianças façam escolhas e expressem suas opiniões sobre as atividades e a organização do espaço.

- Observe e respeite o tempo de cada criança. Nem todas interagem ou aprendem no mesmo ritmo. Ajuste expectativas e incentive avanços sem pressão. Estamos falando sobre crianças e não máquinas.

- Fomente um ambiente de respeito à diversidade. Encoraje interações que fortaleçam o entendimento das diferenças e promovam uma comunidade escolar humanizada e colaborativa.

- Procure perceber se o que está ocorrendo com a criança PAEE é produto de sua condição de deficiência ou é algo próprio da faixa etária. Antes de ter uma deficiência ou um transtorno ela é um sujeito em desenvolvimento.

Até este ponto do texto não há nada de muito grandioso do ponto de vista do uso de tecnologias assistivas ou de formas adaptar o currículo, certo? Sim. E isso é apenas para reforçar que boa parte do processo inclusivo não vem de altas tecnologias, mas de formas de refletir sobre o seu fazer pedagógico e de estruturar as experiências de todos os dias, com consciência, conhecimento e intencionalidade.

## Por onde começar?

Se, após a leitura dos pontos anteriores, você ainda tiver dúvidas de como começar a mudar seu fazer, tornando-o mais inclusivo, sugiro, que adote 10 aspectos fundamentais. Creio que estes seriam os melhores orientadores de práticas que podem conduzir à construção de uma cultura progressivamente mais inclusiva:

✓ **Conheça a Criança:** identifique suas preferências, modos de agir e interagir. Para isso, crie o costume de observar, registrar e refletir sobre as informações. Estabeleça parceria com a família da criança. Se ela fizer atendimentos terapêuticos, entre em contato com os profissionais. Criem uma rede de apoio. Alinhem as informações e trabalhem juntos, de modo colaborativo. Utilize essas informações para promover o engajamento dela nas atividades, para constituir um senso de pertencimento e para a adequação dos materiais e melhoria na forma de realizar a gestão de tempo;

**Mas o mais importante de tudo: Não se apegue apenas àquilo que a criança PAEE não consegue e não trabalhe sozinho (a).**

✓ **Identificação de Barreiras:** Avalie e identifique barreiras de aprendizagem que possam existir, como barreiras atitudinais, estruturais e pedagógicas, e busque estratégias para superá-las.

Analise o seu próprio fazer. Perceba se suas crenças sobre a condição da criança foca é em si uma barreira. Em algumas situações somos capacitistas e não percebemos. Ao não acreditar no potencial da pessoa com deficiência podemos resumir as oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento.

✓ **Ambiente Acolhedor:** Crie um ambiente acolhedor e seguro, onde todas as crianças se sintam valorizadas e identificadas umas com as outras, promovendo um clima de harmonia e respeito. Considere que o contexto educacional que atende a infância deve ser pautado em bem-estar, saúde e hospitalidade. Deve ser bom estar ali.

✓ **Modelo de Comportamento:** Seja um modelo de convivência respeitosa e inclusiva. Sua forma de agir e lidar com as dificuldades influencia diretamente as crianças; Faça uma análise na sua forma de falar, de agir, pense nas suas expectativas e, em como você costuma lidar com elas e com as frustrações advindas dos desafios profissionais. Somos modelo de comportamento para nossas crianças. Nossas ações, por mínimas que sejam, marcam as trajetórias de vida delas, pois permanecem em seu comportamento como uma bagagem silenciosa, que as acompanha em diferentes tempos e contextos.

✓ **Planejamento Intencional:** Planeje as atividades de forma intencional, considerando a diversidade do grupo e garantindo que todas as crianças tenham oportunidades equivalentes de aprendizagem;

✓ **Valorização da Expressão:** Respeite e valorize as diferentes formas de comunicação das crianças, incentivando sua participação de maneira adaptada às suas necessidades;

✓ **Brincadeiras Inclusivas:** Toda brincadeira pode se tornar inclusiva se você fizer adequações que facilitem o entendimento dela e ofereça condições de cada criança participar do seu jeito. Como o brincar deve ser prazeroso e acessível, seja sensível e perceba se as crianças estão engajadas. Se pergunte o motivo de não estarem interessadas, quando esse for o caso. Ofereça brinquedos e atividades que permitam a interação de todas as crianças, respeitando os diferentes ritmos e modos de brincar;

✓ **Autonomia e Protagonismo:** Dê espaço para que as crianças façam escolhas e expressem suas opiniões sobre as atividades e a organização do espaço, promovendo seu protagonismo;

✓ **Respeite o tempo de cada criança:** Observe e respeite o tempo de cada criança, ajustando expectativas e incentivando avanços sem pressão;

✓ **Promoção da Pluralidade Humana:** Fomente um ambiente que respeite e celebre a pluralidade humana, encorajando interações que fortaleçam o entendimento das diferenças como condição natural de ser e existir.

Esses aspectos podem ajudar a criar um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor, onde todas as crianças possam aprender e se desenvolver plenamente. Eles não são fins em si mesmos, mas

devem representar um eixo de questões que direcionam suas escolhas de modo cada vez mais sensível.

### **De onde surgiram essas ideias?**

Ainda que este material não seja um livro técnico ou científico em sua acepção, ele traz, no bojo de suas proposições, princípios e perspectivas moldadas após muitos anos de prática e de pesquisa. Entre as temáticas que me auxiliam a direcionar o olhar destaco três abordagens: o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), o Sistema de Suporte Multi Camadas (SSMC) e a Abordagem do Ensino Diferenciado (AED).

Primeiramente vamos compreender um pouco do que vem a ser o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Ele é um conceito que emerge da necessidade de criar ambientes educacionais que atendam à diversidade de aprendizes, promovendo a inclusão e a equidade no processo de ensino-aprendizagem. Fundamentado nos princípios da neurociência e da psicologia educacional, o DUA propõe que a educação deve ser projetada desde o início para acomodar as variações individuais de todas as crianças independentemente de suas habilidades, origens ou estilos de aprendizagem.

A relação entre o DUA e a educação inclusiva é intrínseca, uma vez que ambos visam eliminar

barreiras ao aprendizado e garantir que todos os estudantes tenham acesso a oportunidades educacionais significativas. Nesse contexto, o DUA se apresenta como uma abordagem eficaz, pois oferece princípios que orientam educadores a desenvolver práticas pedagógicas que considerem a diversidade dos alunos.

No contexto da educação infantil, a aplicação dos princípios do DUA é particularmente relevante. As crianças nessa fase de desenvolvimento apresentam uma ampla gama de habilidades, interesses e modos de interação com o mundo. O DUA propõe três princípios fundamentais: a oferta de múltiplas formas de representação, a promoção de múltiplas formas de expressão e a criação de múltiplas formas de engajamento. Esses princípios podem ser traduzidos em práticas concretas a partir de:

**1. Múltiplas Formas de Representação:** Os profissionais podem utilizar diferentes mídias e recursos (visuais, auditivos, táteis) para apresentar conteúdos e propostas, garantindo que todas as crianças possam acessar a informação de maneira que faça sentido para elas. Por exemplo, ao ensinar sobre animais, pode-se utilizar vídeos, livros ilustrados, maquetes, miniaturas e atividades práticas.

**2. Múltiplas Formas de Expressão:** As crianças devem ter a oportunidade de demonstrar seu aprendizado de diversas maneiras, seja por meio de desenhos, dramatizações, apresentações orais ou uso de tecnologias assistivas. Isso permite que cada uma

utilize suas forças e preferências para expressar o que aprendeu.

**3. Múltiplas Formas de Engajamento:** É fundamental criar um ambiente que motive todas as crianças a participar ativamente do processo de aprendizagem. Isso pode ser alcançado por meio de atividades que considerem os interesses individuais das crianças, promovendo a autonomia e a escolha.

A implementação do DUA na educação infantil não apenas favorece a inclusão de crianças com necessidades específicas, mas também enriquece a experiência de aprendizagem de todo o grupo. Ao adotar uma abordagem que valoriza a diversidade, os educadores contribuem para a formação de um ambiente educacional mais acolhedor e respeitoso, onde cada criança se sente valorizada e capaz de aprender.

Sentir-se capaz é um ponto chave no processo inclusivo e, essencialmente, é um aspecto imprescindível a qualquer contexto de aprendizagem.

Conhecer o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) vem sendo um divisor de águas na minha prática profissional. Ele realmente se configura como uma ferramenta essencial para a promoção da educação inclusiva na educação infantil. Ao considerar as particularidades de cada criança e ao oferecer múltiplas oportunidades de aprendizagem, o DUA não apenas atende às necessidades de crianças com deficiências, mas também enriquece o processo educativo como um todo.

Já o Sistema de Suporte Multi Camadas (SSMC) é uma abordagem educacional baseada na oferta de intervenções diferenciadas e graduais para atender às necessidades das crianças. Esse modelo tem sido amplamente utilizado no contexto educacional como estratégia para promover a equidade no ensino, assegurando que todas as crianças, independentemente de suas características individuais, recebam o suporte necessário para seu desenvolvimento integral. No contexto da educação infantil, sua implementação torna-se crucial para garantir um ensino inclusivo e eficaz.

O SSMC estrutura-se em diferentes níveis de suporte, visando atender às variadas necessidades das crianças por meio de um ensino baseado em evidências e monitoramento contínuo do progresso. O modelo é frequentemente dividido em três camadas principais:

1. **Camada Universal:** Inclui práticas pedagógicas de qualidade aplicadas a todo o grupo de crianças, com estratégias inclusivas e diferenciadas. Implicam em **ESCOLHAS que organizem o grupo como um todo.**

2. **Camada Direcionada:** Envolve suporte adicional para pequenos grupos de crianças que demonstram dificuldades específicas na aprendizagem. Envolve propostas que considerem **ESCOLHAS que organizem pequenos grupos.**

3. **Camada Intensiva:** Oferece intervenções especializadas e individualizadas para crianças que

apresentam necessidades mais complexas. Resultam em **ESCOLHAS baseadas nas individualidades.**



Os principais objetivos do SSMC são:

- Prevenir dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento por meio de um ensino de qualidade;
- Garantir que cada criança receba o suporte necessário de acordo com sua necessidade específica;
- Facilitar a inclusão de crianças com deficiência ou dificuldades de aprendizagem, promovendo um ambiente educacional equitativo.

## **Implementação do Sistema de Suporte Multi Camadas na Educação Infantil**

A aplicação do SSMC na educação infantil requer um planejamento pedagógico estruturado e colaborativo. Para sua implementação eficaz, é necessário considerar:

1. **Avaliação Contínua:** Acompanhamento contínuo dos objetivos e do alcance de cada proposta, de maneira que seja possível perceber o desenvolvimento das crianças e identificar necessidades específicas, ajustando as experiências de aprendizagem.

2. **Formação Docente:** Estudos de caso, momentos de discussão, de estudos coletivos, de diálogo entre os professores para compartilhar olhares e experiências. Capacitação para conhecerem estratégias diversificadas e baseadas em evidências.

3. **Colaboração Interdisciplinar:** Envolvimento de profissionais como psicopedagogos, terapeutas e assistentes sociais no suporte ao aprendizado. A própria parceria colaborativa estabelecida entre professores de Atendimento Educacional Especializado - AEE e o contexto da educação infantil é considerada neste item.

4. **Ambiente Inclusivo:** Adaptação dos materiais e metodologias para garantir a participação ativa de todas as crianças. Importante considerar neste

aspecto: gestão de tempo, adequação do layout da sala referência, adequação de mobiliário e de materiais, aprendizagem por pares, entre outros.

5. **Engajamento Familiar:** Participação dos pais e responsáveis no processo educativo, fortalecendo o suporte à criança dentro e fora da escola.

Ao oferecer diferentes níveis de suporte, esse modelo possibilita que crianças com deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento ou dificuldades de aprendizagem tenham acesso a propostas progressivamente adaptadas às suas necessidades. Dessa forma, o SSMC não apenas favorece o aprendizado individualizado, mas também contribui para a construção de uma cultura escolar mais inclusiva e equitativa.

Além disso, a abordagem previne a exclusão educacional ao garantir que dificuldades sejam identificadas precocemente e tratadas de maneira eficiente. Isso possibilita que todas as crianças tenham oportunidades iguais de aprendizagem e desenvolvimento, respeitando suas particularidades.

Quando compreendido como uma abordagem educacional, o SSMC, nos ajuda a olhar a necessidade de fornecermos diferentes níveis de suporte ao grupo que atendemos. Desse modo, vamos progressivamente avançando na intensidade e complexidade de ajustes, apoios e suportes nas propostas. Este sistema é particularmente relevante no contexto da educação inclusiva, onde a diversidade de habilidades e estilos de aprendizagem é uma

característica predominante. O SSMC se articula de maneira sinérgica com o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) e a Abordagem do Ensino Diferenciado (AED), formando um conjunto de práticas que favorecem a inclusão e a equidade no ambiente escolar.

O terceiro ponto que gostaria de destacar e que vem contribuindo com o modo como penso e oriento meu trabalho na educação inclusiva é a Abordagem do Ensino Diferenciado (AED).

### **A Abordagem do Ensino Diferenciado (AED) e sua contribuição para a educação inclusiva na educação infantil**

A Abordagem do Ensino Diferenciado (AED) é um modelo pedagógico que visa adaptar o ensino às necessidades individuais das crianças e estudantes, reconhecendo e respeitando a diversidade presente em sala de aula. Fundamentada em princípios da educação inclusiva, essa abordagem busca proporcionar oportunidades de aprendizagem equitativas, levando em consideração as diferenças cognitivas, emocionais, culturais e sociais dos estudantes.

Os principais objetivos da AED são:

1. **Personalização do ensino** – adaptar os conteúdos, estratégias e metodologias para atender às necessidades individuais das crianças e estudantes.

2. **Promoção da equidade** – garantir que todas as crianças e estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas diferenças individuais.

3. **Estímulo ao engajamento** – criar um ambiente de aprendizagem dinâmico e participativo, onde todos sintam-se valorizados e motivados a aprender.

4. **Desenvolvimento integral** – contemplar as dimensões cognitivas, emocionais, sociais e motoras da criança, favorecendo sua formação integral.

A AED se baseia em alguns princípios fundamentais:

- **Flexibilidade curricular** – adaptação do currículo e das práticas pedagógicas para atender às especificidades de cada um dentro do grupo e, em especial ao público alvo da educação especial.

- **Diversificação de metodologias** – uso de diferentes estratégias didáticas, como ensino colaborativo, atividades lúdicas, tecnologias educacionais e aprendizagem baseada em projetos.

- **Avaliação formativa** – acompanhamento contínuo do progresso da criança foco do processo inclusivo, priorizando processos educacionais e propostas de desenvolvimento e de aprendizagem ao invés de resultados padronizados.

- **Foco no aluno** – reconhecimento das diferenças individuais, garantindo que cada criança tenha experiências de aprendizagem significativas.

## Contribuição para a Educação Inclusiva na Educação Infantil

A Educação Infantil é uma fase crucial para o desenvolvimento das crianças, e a AED desempenha um papel essencial na promoção de uma educação inclusiva. Entre suas contribuições destacam-se:

- **Acolhimento da diversidade** – cria um ambiente em que todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou socioemocionais, são valorizadas e respeitadas.

- **Promoção da interação social** – estimula a colaboração e o respeito mútuo entre todos, favorecendo o desenvolvimento de habilidades sociais.

- **Adaptação de materiais e estratégias** – utiliza recursos diversificados para atender às necessidades específicas das crianças, como materiais multissensoriais, jogos educativos e atividades interativas.

- **Desenvolvimento da autonomia** – encoraja as crianças a participarem ativamente do processo de aprendizagem, promovendo a construção do conhecimento de forma significativa.

A partir de tudo o que foi enunciado anteriormente, é possível inferir que a Abordagem do Ensino Diferenciado (AED) é uma ferramenta

fundamental para garantir a inclusão e a qualidade da educação infantil. Ao reconhecer e valorizar as particularidades de cada criança, essa abordagem contribui para a construção de um ambiente educacional mais equitativo, acolhedor e eficaz. Também vale perceber que AED complementa o DUA ao enfatizar a importância de adaptar as propostas às necessidades específicas de cada criança. Através da AED, os educadores são encorajados a diversificar suas estratégias de ensino, utilizando diferentes métodos, recursos e avaliações para atender às variadas formas de aprendizagem. Essa abordagem reconhece que cada criança é única e que, portanto, as experiências de aprendizagem devem ser flexíveis e responsivas às suas particularidades.

A intersecção entre o SSMC, o DUA e a AED cria um ambiente educacional que não apenas acolhe a diversidade, mas também a valoriza como um recurso para a aprendizagem coletiva. No contexto da educação infantil, essa integração se torna ainda mais significativa, uma vez que as crianças estão em uma fase crucial de desenvolvimento cognitivo, social e emocional. A implementação do SSMC, em conjunto com os princípios do DUA e as práticas da AED, permite que os educadores ofereçam suporte em diferentes níveis, adaptando-se às necessidades de cada criança.

Por exemplo, em uma perspectiva inclusiva, um(a) professor (a) pode utilizar o DUA para apresentar um conteúdo sobre animais de maneiras

variadas — por meio de vídeos, livros ilustrados e atividades práticas. Ao mesmo tempo, pode aplicar a AED ao permitir que as crianças escolham como desejam demonstrar seu aprendizado, seja por meio de desenhos, dramatizações ou apresentações orais. O SSMC, por sua vez, pode ser utilizado para identificar quais crianças necessitam de suporte adicional, como tutoria individual ou recursos adaptados, garantindo que todos tenham a oportunidade de participar e aprender.

A relação entre o SSMC, o DUA e a AED com a educação inclusiva é, portanto, fundamental para a construção de um ambiente escolar que respeite e valorize a diversidade. Ao adotar essas abordagens, os profissionais da educação não apenas promovem a inclusão de crianças PAEE, mas também enriquecem a experiência de aprendizagem de todos, preparando-os para um futuro mais colaborativo e equitativo.



## Considerações Finais

A educação inclusiva na infância é mais do que um compromisso pedagógico; é um compromisso social e humano. Ao longo deste texto, foi possível refletir sobre os desafios e as potencialidades da inclusão na Educação Infantil, compreendendo que a diversidade é um elemento enriquecedor e fundamental no processo de ensino e aprendizagem.

Os direitos de desenvolvimento e aprendizagem, conforme estabelecidos pela BNCC, oferecem um caminho para que a inclusão seja praticada de maneira concreta. Esses direitos não são apenas diretrizes formais, mas oportunidades reais de construção de experiências significativas, que beneficiam todas as crianças, independentemente de suas habilidades ou necessidades educacionais específicas.

É essencial que a inclusão seja vista não como um desafio isolado, mas como uma forma de aprimorar a qualidade da educação para todos. A necessidade de planejamento pedagógico, a implementação de tecnologias acessíveis e a criação de um ambiente acolhedor e participativo são aspectos que reforçam essa perspectiva. Além disso, a formação continuada dos educadores e a articulação entre escola, família e comunidade tornam-se pilares essenciais para o sucesso de práticas educacionais inclusivas.

Que este material sirva como um convite à transformação da prática pedagógica, impulsionando um olhar sensível e acolhedor para cada criança, garantindo que sua jornada de aprendizagem e desenvolvimento seja marcada pelo respeito, pela valorização das diferenças e pelo reconhecimento de seu potencial. Somente assim poderemos construir um futuro mais inclusivo, equitativo e humano para todos.

## Referências

BETTIO, Claudia Daiane Batista; MIRANDA, Ana Carolina Arruda; SCHMIDT, Andréia. Desenho universal para a aprendizagem e ensino inclusivo na educação infantil. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786588082034> Disponível em: [www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/646](http://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/646) . Acesso em 17 março. 2025.

CARVALHO, A. G. C.; MIRANDA, A. C. A.; SCHMIDT, A.. Práticas Educacionais Inclusivas na Educação Infantil: Estudo Observacional. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 30, p. e0187, 2024.

CARVALHO, A. G. C.; SCHMIDT, A.. Práticas Educativas Inclusivas na Educação Infantil: uma Revisão Integrativa de Literatura. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 27, p. e0231, 2021.

BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Ministério da Educação. (2001).

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.

BROSTOLIN, M. R.; SOUZA, T. M. F. DE. A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PONTOS E CONTRAPONTO DE UMA EDUCAÇÃO

INCLUSIVA. Cadernos CEDES, v. 43, n. 119, p. 52–62, jan. 2023.

FALCO, Mariane. **Por uma educação infantil mais inclusiva**: a documentação pedagógica como abordagem para a educação de todas as crianças. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-05032021-115421/>. Acesso em: 04 jun. 2025.

FALCO, Mariane. O PAPEL DOS ADULTOS E A PARTICIPAÇÃO DE TODAS AS CRIANÇAS EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 714-739, jul./jul., 2022. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512

FREITAS, Marcos Cezar de. Diversidades culturais, deficiências e inclusão: a potência curricular da educação infantil. Debates em Educação, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 333–354, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13n33p333-354. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12549>. Acesso em: 4 jun. 2025.

GUADAGNINO, Keli dos Santos. Saberes docentes e práticas pedagógicas que favorecem a inclusão da criança com deficiência na Educação Infantil. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2021.

BENEDETTI, Rafaella Hanauer. MANJINSKI, Everson OS NÍVEIS DO SISTEMA DE SUPORTE

MULTICAMADAS (SSMC), DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM (DUA) E ABORDAGEM DO ENSINO DIFERENCIADO (AED). Faculdade Sant'Ana em Revista, [S. l.], v. 8, n. 2, p. p. 339 – 352, 2024. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/2585>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BÖCK, Geisa Letícia Kempfer. O Desenho Universal para Aprendizagem e as Contribuições na Educação a Distância. 2019. 391 f. Tese de Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. 2019.

MENDES, Enicéia Gonçalves et al. Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum: dos especialismos às abordagens universalistas. 1. ed. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2023. DOI: <https://doi.org/10.52695/978-65-5456-043-6>.

Disponível em: <https://encontrografia.com/978-65-5456-043-6>. Acesso em: 24 out. 2023.

LOPES, Mariana Moraes; MENDES, Enicéia Gonçalves. (2023). Profissionais de apoio à inclusão escolar: quem são e o que fazem esses novos atores no cenário educacional?. Revista Brasileira de Educação, 28, e280081. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280081>

SANTOS, Keisyani Silva; MENDES, Enicéia Gonçalves. (2021). Ensinar a todos e a cada um em escolas inclusivas: a abordagem do ensino

diferenciado. Revista Teias, 22(66), 40.  
<https://doi.org/10.12957/teias.2021.57138>

PICCOLO, Gustavo Martins. A INCLUSÃO COMO PRINCÍPIO INEGOCIÁVEL: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO INFANTIL. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 526-550, jul./jul., 2022. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512.

SANTANA, Maria Luzia da Silva; MAEKAWA, Elisangela Mitiko Higa Kubota. Educação Especial na Educação Infantil: uma Revisão Sistemática. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 53–62, 2023. DOI: 10.17921/2447-8733.2023v24n1p53-62. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9397>. Acesso em: 4 jun. 2025.

SILVA, Shirley. Silva, Cleber Nelson de Oliveira. INFÂNCIA E DEFICIÊNCIA: NOTAS SOBRE UM NÃO-LUGAR NA PRODUÇÃO ACADÊMICA. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 551-572, jul./jul., 2022. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512.

RAMOS, Rossana. *Inclusão na prática: estratégias eficazes para a Educação Inclusiva*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 2016.

A educação inclusiva na infância deve ser compromisso social, político e pedagógico perante a pluralidade humana. Na busca por realizá-la é importante planejamento com intencionalidade, contemplando um currículo acessível, em ambientes acolhedores e relações responsivas. Neste sentido, este livro busca contribuir com a consolidação de práticas educacionais inclusivas, possíveis e qualificadas.

